

Gabriel Azevedo



Preternatural

Copyright: © 2024 by Carlos Gabriel Azevedo Cruz

Foto da capa: ANNE STOKES.

Diagramação: Gabriel Azevedo

Revisão: Gabriel Azevedo

Edição: 1

1. Literatura. 2. Romance. 3. Sobrenatural. 4. Série. 5. Volume 1.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios. Os direitos morais do autor foram assegurados.

*“Crede em Jesus, arrependei-vos de vossos pecados e então podereis viver
a vida do Filho de Deus ressuscitado”*

(Atos 2, 38).

Prólogo

A graciosa luz penetrava as enormes janelas daquela grande igreja moderna. Em sua parte interna, o chão de porcelanato branco refletia o enorme e amplo teto com passagens do evangelho pintadas em um tom vibrante. Enormes computadores estavam colocadas sobre as mesas de vidro, as pessoas que trabalhavam naquele local e tudo que havia nele esbolçavam uma perfeição e paz nunca vista antes. Se não fosse pela estrutura gótica externa daquele local, ninguém seria capaz de dizer que aquele lugar era uma catedral pois, todo o resto era perfeitamente igual a uma empresa eletrônica. Algumas pessoas transitavam pela parte externa do lugar, mas parecia que era restrito à maioria delas.

— Rachel! — Um homem negro de roupa formal azul cintilante disse com um tom ansioso ao entrar naquele salão.

— Em que posso ajudar? — A mulher virou com seus belos cabelos loiros e um belo vestido branco cobria todo o seu tronco e suas pernas.

Apesar da grande batalha que estava por vir, as pessoas daquele campo seguiam sorridentes.

— Radueriel convoca a sua presença na sala de coordenação celeste. — O homem respondeu com um sorriso acolhedor.

— Estou indo! Obrigada.

Rachel cruza algumas mesas abrindo sorrisos amigáveis para seus parceiros de trabalho. Ela sabia que o assunto era bem mais que uma pequena pergunta a respeito da luta que acontecera na terra, mas preferiu seguir em um tom calmo. A bela mulher entrou em um corredor longo de cor marrom, com colunas tão altas que era necessário elevar toda a cabeça para enxergar seu limite. Ela seguiu até uma porta de madeira onde havia um símbolo esculpido.

Toc. toc. toc.

— Pode entrar! — Grita uma voz feminina do outro lado.

Rachel abriu a porta com uma maneira ansiosa, entrou e fechou com cuidado. A sala tinha uma pequena janela de vidro, algumas prateleiras com arquivos organizados, cruzes brilhantes que flutuavam na parede e, no centro, uma mesa de vidro com um computador em cima. Duas cadeiras estavam próximas a essa mesa.

— Em que posso ajudar? — Ela perguntou ainda sorrindo.

— Sente-se! — A moça de cabelo ruivo curto e com um uniforme social azul apontou para a cadeira que estava à sua frente e assim que Rachel sentou, ela disse: — Como foi?

— Perfeito! Ela venceu! Lilith foi mandada para o inferno na companhia de outros vários demônios. — Rachel falou empolgada.

— Graças a Deus! — A mulher direcionou os olhos para o alto ao fazer a exclamação. — Ela finalmente diminuiu nossa dor de cabeça.

— O que pretende fazer agora?

— Ainda não sei! Estou esperando os outros anjos chegarem e passarem o relatório completo.

— Você acha que ele vai atacá-la? — Perguntou Rachel e pela primeira vez sua voz vacilou.

— Provavelmente, mas mesmo que não ataque, teremos que colocá-la em nosso partido. — A mulher ruiva começou a vasculhar seus arquivos.

— Quanto mais cedo melhor!

— Pergunte a Rizoel o que está sendo do pós-guerra.

— Sim senhora!

Rachel saiu angustiada, mas os sentimentos negativos não passavam muito tempo em seu corpo pois logo evaporavam como se nunca tivessem existido. Ela seguiu até sua mesa, ligou seu computador e enviou uma mensagem para Rizoel.

As portas se abriram e outra linda mulher entrou usando um vestido longo azul. Seus cabelos pareciam fios de ouro, uma tiara brilhante lhe pendia a cabeça e seus rosto era tão definido que poderia ser facilmente confundida com uma escultura.

— Onde está ela?

— Calma, Purah! Está tudo bem! — Rachel disse sorrindo e as duas trocaram um intenso abraço.

— Eu preciso da minha filha aqui! — O coração de Purah batia mais rápido com a ideia de ver a filha.

— Radueriel disse que irá analisar a possibilidade!

Purah abriu um sorriso largo e agradeceu imensamente a Deus por poder ter sua filha de volta. Enquanto agradecia, o seu corpo refletia um brilho intenso.

— Purah... — Rachel falou mais séria. — Sabe da batalha que está por vir, não sabe?

— Sim! — Ela voltou o olhar para Rachel. — Por isso preciso que minha filha esteja aqui!

— Farei o possível! — Rachel piscou o olho e apertou a mão de sua amiga com bastante compaixão.

Capítulo 1

O sol estava queimando minha pele e a única coisa que salvava meu rosto era o boné amarelo distribuído pela equipe durante a última reunião. Achei uma péssima ideia essa da Meg. — *Como pode um ensaio de líder de torcida nesse sol tão intenso?* — A grama verde era amassada constantemente por meus pés e Meg gritava "1,2,3,4" inúmeras vezes. O aparelho de som de cor prata tocava a música "Crazy in love" da *Beyonce* de forma repetitiva. Ser líder de torcida foi uma péssima ideia e eu sinceramente não sei o porquê vim parar aqui — Provavelmente para ter o ganho de nota máxima e completar as horas extracurriculares que faltavam para minha formação! —. Meg caminhou até o som e desligou. Ela é aluna do último ano e é também a chefe das líderes de torcida. Seu cabelo ruivo estava amarrado em um rabo de cavalo elegante, suas pernas longas apareciam quase que por total quando ela usava o uniforme das líderes de torcida que consiste em um top amarelo, uma mini-saia amarela com detalhes pretos e um tênis branco.

— Proles, acho melhor tirar um tempo de descanso. — Ela fez uma cara de cansaço e, com o dedo indicador, aponta para as arquibancadas.

Peguei minha garrafa *tupperware* roxa e comecei a caminhar até elas. O suor escorria por minha testa e foi necessário passar as mãos várias vezes no meu rosto para manter a pele o mais seca possível. Podia sentir o calor presente em minha face e até podia, também, apostar que estava extremamente corada. Minha vontade suprema naquele momento era de me lançar em uma fonte de água congelante.

Nas arquibancadas, coloquei minha garrafa sobre o segundo assento e comecei a amarrar meu cabelo em um rabo de cavalo. Estava difícil decorar toda aquela coreografia irritante e eu também não estava com um pingo de vontade de participar daquela dança. Não é por ser do colegial que tenho que participar de coisas como essa, mas infelizmente eu estava sendo obrigada àquela tortura. Depois de respirar bastante e fitar a área verde em frente às arquibancadas, levantei, segurei minha garrafa contra o peito e comecei a caminhar até o colégio.

— Estava péssima! — Lorenzo diz assim que sai de trás das arquibancadas.

— Bom dia para você! — Respondo sem ânimo e com muito desdém.

— Onde está o humor, Proles? — Ele abriu um sorriso. O mesmo belo sorriso de sempre.

Lorenzo está usando uma calça jeans azul e uma camisa social branca. Seu cabelo loiro está levemente bagunçado. Depois da guerra, Lorenzo passou a me seguir constantemente para saber como estou. É uma missão cansativa a de anjo da guarda, principalmente meu. E... uma missão ainda mais chata a de ser protegida por um anjo da guarda irritante que me tira toda a privacidade.

— Estou em uma dança insuportável! Como posso ter humor? — Faço um sorriso forçado.

— Estou como seu anjo da guarda... isso sim é irritante. — Ele pisca e eu reviro os olhos.

Lorezo nunca tem dificuldade em animar as coisas ao seu redor e sua mente sempre pensa em uma forma de alegrar até as piores coisas existentes.

— O que faz aqui?

— Precisava saber como você está! — Ele coloca as mãos no bolso da calça.

— Péssima com esse calor, mas feliz porque pretendo sair desse grupo ainda hoje. — Outro sorriso forçado. — Sério! Participar dessa dança foi a pior coisa que inventei. Isso não parece nada comigo!

— Concordo com você. — Ele dá de ombros. — Vai se atrasar para a aula!

Olho o relógio de pulso e vejo que já são 11:40.

— Droga!

Dou as costas para Lorenzo e começo a correr até a sala. O corredor está vazio pois a aula começou há 10 minutos. Infelizmente terei que ir com meu uniforme de líder de torcida. Paro no meu armário, pego o material necessário e sigo até a aula de espanhol. Empurro a porta da sala com tanta força que acabo gerando um som estrondoso e fazendo com que todos olhem para mim. **PIN!** Alerta de momento constrangedor. — *Sim! Rosto corando.* —

— Bom dia senhorita Proles! — Diz o técnico JJ com um sorriso debochado.

— Bom dia! Com licença.

Com a cabeça baixa, entro na sala e sento na mesma cadeira de sempre. Pego o caderno com estampa de borboletas e começo a fazer algumas anotações quando percebo alguém tocar minhas costas com um lápis. Olho para trás e encontro Diana usando uma blusa rosa, uma calça jeans preta e um tênis branco. Seu cabelo está em um coque elegante.

— Muito safada essa roupa! — Ela sussurra para mim.

— Não precisa lembrar! — Desvio o olhar.

— O David sumiu mesmo, não foi? — Ela pergunta de maneira natural.

Fico triste com essa pergunta. Foi culpa minha! A morte de David foi totalmente minha culpa e tenho total consciência disso. Ainda me culpo pelo ocorrido e imagem de David retornando ao pó continua fazendo morada em minha mente. Tentando disfarçar, engulo seco e

volto a focar apenas na aula de espanhol que por sinal está muito chata. Apesar do seu jeito intrumetido, Diana segue em silêncio e me deixa livre de responder essa pergunta constrangedora.

Tarde.

O Xtreme está bastante movimentado hoje e Alec luta para conseguir atender o número máximo de mesas. Fico assinando pedidos no balcão e encaminhando para a cozinha. Coloco meus fones de ouvido e ponho para tocar a música "*Dance The Night*" da *Dua Lipa*. Poderia estar estudando para a prova de álgebra, mas o trabalho toma conta de toda a minha tarde e de toda a minha mente. Caminho de um lado para outro. Atendo uma mesa, depois outra, depois outra e assim por diante. Retorno ao balcão e vejo uma mão pousar sobre ele.

— Boa tarde! O que deseja? — Pergunto sem levantar os olhos.

— Você!

A voz de Copri faz com que eu abra um grande sorriso. Levanto os olhos e lá está ele! Usando uma camisa regata preta, uma jaqueta azul e aposto que sua calça jeans é preta e o seu sapato também. Copri nunca abandona o preto. Ele abre um sorriso provocante. O sorriso que faz eu ficar sem chão.

— Infelizmente esse produto não está disponível! — Dou de ombros.

— Já tem dono? — Ele levanta uma sobrancelha.

— Já! E ele... bem, costuma destruir quem chega perto de mim. —
Abro um sorriso provocante.

— Ele é bonito? — Copri pergunta apoiando as duas mãos sobre o balcão.

— Hm... Muito!

— E você quer beijá-lo agora? — Sua voz soa num tom super sexy e sussurrante.

Chego bem mais próxima de seu rosto.

— Muito!

Trocamos olhares intensos por longos 3 segundos. O charme de Copri nunca se perde e ele facilmente conseguiria me seduzir novamente mesmo se eu perdesse toda a memória do que vivemos. Seu cheiro de perfume masculino forte faz com que minha mente queira apenas sentir mais de perto enquanto me lanço em uma cama com ele.

— Você pode parar de tentar seduzir o moço e vim atender minha mesa? — Grita uma senhora idosa de vestido florido rosa. Ela aparenta ter aproximadamente 70 anos.

— Mas não posso! — Digo para Copri e caminho até a mesa com meu caderninho de anotações. Respiro fundo e pergunto. — O que deseja? — Abro um sorriso para ela tentando parecer o mais simpática possível.

— Uma panqueca integral. — A mulher responde impaciente.

— Tudo bem! — Digo e retorno ao balcão.

— Cansativo, não? — Copri começa a girar a caneta em seus dedos.

— Muito! — Anoto o pedido e encaminho para a cozinha. — O que pretende fazer hoje à noite? — Pergunto despreocupada.

— Latin? — Ele levanta novamente a sobrancelha.

— Cansada demais para este lugar! — Faço uma expressão de desprezo.

— Minha casa? — Ele abre um sorriso perigoso.

— Pode ser!

— Vai dar para trás hoje também? — Copri cruza os braços e mantém o mesmo sorriso perigoso e irônico típico de sua personalidade.

— Já disse! Não estou pronta para... você sabe! — Desvio o olhar.

— Transar comigo?

— Shiii! — Tapo a boca dele. — Mais educação, por favor!

— Boa tarde, querida! Posso comer um Donuts? — Pergunta a senhora Holligans que está usando seu belo vestido azul que cobre até metade do seu joelho. Seu cabelo branco devido a velhice é bem charmoso e diferente. Ver pessoas idosas de bom humor me faz um bem gigantesco.

— Boa tarde senhora Holligans. 452 calorias! — Digo com uma feição triste.

— Oh! Ele estava me seduzindo bastante! — Sua voz meiga e rouca soa com tristeza e ela abre um sorriso forçado.

— Mas... — Copri pousa as mãos sobre os ombros da senhora Holligans. — Fica com apenas 52 calorias se a senhora comer em pé!

A senhora Holligans abre um sorriso esperançoso e eu encaro Copri com repreensão. Ele apenas dá de ombros.

— Aqui está! — Entrego um Donuts para ela que agora está bem mais sorridente.

— Eu gostei bastante do seu namorado! Se eu fosse nova você o perderia. — Ela pisca o olho para mim.

Copri joga a cabeça para trás enquanto solta uma gargalhada.

— Ah... com certeza! — Digo e começo a rir.

A senhora Holligans começa a caminhar até a porta principal do restaurante.

— Copri, não pode fazer isso! Ela tem diabetes.

— Relaxa!

Duas meninas colam no balcão. Uma morena de cabelo estilo black e uma loira de cabelo estilo *chanel*. A morena está usando um vestido rosa curto e de alça fina, já a loira está usando uma calça jeans preta de cintura alta e uma blusa branca de alcinha.

— Em que posso ajudá-las?

— Uma coca! — Responde a menina morena.

Pego a coca e percebo as duas trocarem olhares com Copri. Ver aquele cena me deixou enciumada e, se não fosse por estar no local de trabalho, eu conseguiria facilmente empurrá-las para bem longe dali.

— Aqui está a coca! — Entrego com força na mão dela.

— Obrigada! — Ela sorri para mim e caminha com a amiga até a mesa 3 soltando alguns sussurros e risadas abafadas.

— Algum problema, Proles? — Pergunta Copri com deboche.

— Nenhum! Pode ir para casa se quiser. Eu... eu vou depois.

Copri solta uma risada curta e passa a mão em seu cabelo. Pelo canto do olho vejo a menina loira que acabara de vir ao balcão retornar para o mesmo, mas dessa vez não para falar comigo, e sim, com Copri.

— Oi! Você poderia passar seu número? Minha amiga está interessada. — Ela aponta para a menina morena que abre um sorriso sínico.

Copri levanta as sobrancelhas e olha para mim. Com muita raiva digo:

— Não! Ele não pode passar! Tem namorada e sou eu! Mais alguma coisa? A coca... está ruim? — Falo com extremo deboche e nem percebo que minha voz soou extremamente agressiva.

— Ah... desculpa! — Ela fica vermelha e retorna à mesa.

— Muito bem, Proles! Enciumada. — Copri abre o seu sorriso irritante, mas que já me é familiar.

— Você me irrita! — Reviro os olhos.

Alec vem caminhando até o balcão.

— Opa! — Ele diz para Copri. — Está livre, Camila! Deixe que cuido do resto!

— Obrigada! Até amanhã então! — Abro um sorriso, troco abraços com ele e caminho com Copri pela rua movimentada até chegar em seu carro.

— Como foi na aula? — Ele pergunta com curiosidade enquanto pega sua chave.

— Foi insuportável. — Reviro os olhos e respiro fundo. — Sério! Desisto de ser líder de torcida. — Entramos no carro.

— Pretende seguir a lista?

— Não!

Há alguns meses atrás fiz uma lista de coisas que eu poderia fazer para ter minha vida normal como por exemplo entrar em grupos do colegial, fazer novos amigos, encontrar novos hobbies e assim por diante. Depois de vencer Lilith e perder David, foi necessária muito força pra seguir em frente. Precisava esquecer o máximo da dor e essas metas ocuparam a minha mente, mas era impossível segui-las atualmente.

Chegamos no prédio de Copri e seguimos até seu apartamento. Tudo está felizmente arrumado e tenho a liberdade de ir direto para o seu quarto e pegar um vestido que deixei aqui na última noite, sigo para o banheiro, tomo banho e troco meu uniforme pelo vestido azul florido.

— Você é a coisa mais linda que existe! — Diz Copri assim que chega no quarto.

— Não pensou nisso quando escolheu Deborah!

— Já disse! Eu precisei ficar com ela para enganar Lilith. — Ele vem por trás de mim, abraça minha cintura e começa a beijar meu pescoço.

— Não fala esse nome! — Repreendo-o.

— Não fale do passado então! — Resposta bem dada.

— Onde acha que David está? — Pergunto com receio, mas a pergunta de Diana fez com que esse questionamento martelasse em minha mente.

— Não acho!

— E onde está?

— Está mesmo pronta para ter essa conversa? — Copri pousa seu queixo em minha cabeça.

— Sim! Quer dizer... acho que sim.

É difícil falar sobre a morte de David, mas preciso ter notícias sobre ele. Sei que para meu namorado seja desconfortável falar sobre meu ex, mas Copri sabia o suficiente sobre como David nunca conseguira me atingir como ele. O orgulho e a autossuficiência de Copri o faziam imune a certas preocupações, mas o seu ciúme ainda gritava dentro do seu coração.

— Ele está no inferno! — Copri fala de maneira natural e fria. Sua resposta faz com que meu estômago embrulhe.

— Tem como resgatá-lo?

— Não! — Ele responde imediatamente. — Quer dizer... nós não!

— E quem pode salvá-lo?

— Somente uma pessoa da Santíssima Trindade.

— Eu queria tanto vê-lo novamente. — Copri fica tenso. — Entendo que seja desconfortável para você, mas... eu criei um vínculo muito forte com David.

— Ok! — Copri larga minha cintura e sai do quarto em passos impacientes. Respiro fundo.

Eu sei que ele fica incomodado com a situação, porém não posso deletar David da minha vida. Ele lutou comigo e me ajudou em muita coisa. David literalmente deu a vida por mim. Se venci essa guerra, foi também com a ajuda dele. Copri precisa apagar esses ciúmes.

Começo a caminhar até a sala para conversar com Copri, mas, assim que passo da porta do quarto, uma sensação estranha toma posse do meu corpo e meus sentidos ficam lentos. Começo a ficar fraca, tonta, nauseada e o meu corpo parece estar inteiramente formigando.

— Camila? Eu preciso de você! — Diz a voz de David.

Seguro um grito. Recupero minha postura. — *Tenho que evitar ir até Copri nesse momento.* — Retorno para quarto, deito na cama, vasculho meu celular e envio uma mensagem para Lorenzo dizendo que quero encontrá-lo em minha casa ainda essa noite.

— Camila? — Grita Copri fazendo com que eu me assuste e salte da cama.

— Já vou! — Respondo, guardo o celular e caminho até a sala.

Copri está apoiado no parapeito da sua mini varanda. Seu olhar está focado no chão. Percebo que ele está meio tenso e incomodado ainda.

— Oi? — Pergunto assim que chego na varanda.

— É... — Ele abre a boca, mas desiste de falar.

— Fala!

— Deixa para lá.

— Fala logo! — Dessa vez digo quase que ordenando.

O celular vibra e vejo uma mensagem de Lorenzo dizendo que chegará em breve. Travo antes que Copri veja e questione algo.

— Pegue as chaves do meu carro e vá! Amanhã eu o pego de volta. — Ele diz fitando o horizonte.

— Está me expulsando? — Pergunto incrédula.

— Você quem quer ir!

— Hackeou meu *whatsapp*? — Dessa vez pergunto irritada.

— Não! A sua cara assume que está odiando ficar aqui. O que há em seu *whatsapp*? — Ele fita-me intensamente.

— Nada!

— Nada? — Ele eleva uma sobrancelha.

— Por Deus, Copri! Menos, bem menos! — Caminho até a porta e pego a chave do carro. — Até amanhã, ok? — Ele fica apenas me olhando por cima do ombro enquanto eu espero uma resposta qualquer, mas, ao perceber que nada seria dito, bato a porta principal de seu apartamento com força e saio.

Atitude infantil de Copri e realmente não estou com um pinga de vontade de estar com ele nesse momento. Não sei porquê, mas não estou. É como se Copri estivesse irritando minha pele constantemente e, sem motivo algum. Preciso ver logo meus pais,

minha cama e ter uma conversa séria com Lorenzo. Minha vida não pode ficar nesse túnel sombrio e sem sentido.

Abro a porta do carro de Copri, mas sinto repulsa em ir ali. Desisto e caminho até o ponto de ônibus mais próximo. A rua está deserta e fria. Não há ninguém caminhando por aqui. Poucos segundos depois um ônibus surge na esquina e segue até o ponto que estou. O motorista para, eu entro, coloco os meus fones e seguimos viagem. Eu preciso de mais tempo. Preciso de emoção natural!

Durante a viagem aproveitei para revisar os assuntos de história. O novo professor é legal, mas não como a senhorita Jéssica... sei que ela não existia, porém, criei um vínculo enorme com a mesma. O cansaço começa a tomar conta da minha mente e eu cochilo.

Finalmente estou em casa! Mamãe está esfregando uma travessa de lasanha com bastante força para tirar os restos grudados no vidro. Seu antebraço está coberto de sabão e ela para de 5 em 5 segundos para respirar e descansar o braço. Ponho meu caderno sobre a mesa e fico observando a janela. Tudo lá fora está escuro e a neblina deixa a janela com um tom fosco.

— Como foi na escola hoje? — Mamãe pergunta sem olhar para mim.

— Foi... legal! Quer dizer... o ensaio de líder de torcida foi péssimo e as aulas foram cansativas, mas pelo menos não teve nenhuma morte.

Mamãe solta uma risada abafada e volta a esfregar a travessa de lasanha. Sua blusa está molhada, seu corpo está cansado, mas ela vive de uma maneira como se nada estivesse errado. Não sei o que se passa na cabeça dela a respeito da minha origem, mas sei que o seu coração me tem como filha de sangue.

O celular vibra e eu vejo uma mensagem de Lorenzo avisando que está do lado de fora da minha casa. Levanto e caminho até a varanda. O clima do lado da frente parece menos frio e a neblina não é tão intensa como no fundo da minha casa. Abro a porta e encontro Lorenzo sentado no terceiro degrau da escada. Está usando uma camisa azul e uma bermuda bege. Seus pés são abraçados por sua sandália preta da Nike. Caminho até ele e sento.

— Oi! — Fabrico um sorriso forçado.

— O que queria? — Ele cruza os braços e olha para mim.

— É... — Fico sem jeito, mas tomo coragem. — Você acha que David está no... bom, você sabe!

— Sim! Ele está queimando lá. — Lorenzo fala despreocupado.

Ficamos em silêncio por alguns segundos.

— Hoje... bom, hoje eu escutei a voz dele. Não foi algo voluntário! É como se ele estivesse conversando comigo.

— Acho meio improvável, mas tudo bem! — Ele respira fundo e começa a olhar para o chão.

Sinto-me agoniada com essa situação. Não quero que tratem David como um qualquer e nem que achem que sou louca. Na verdade, não quero tratar David como um qualquer ou achar que estou louca.

— Copri disse que há uma maneira de salvar David. — Digo em um tom baixo.

— Sim! Mas é quase impossível. — Lorenzo fala enquanto passa a ponta do seu dedo indicador na areia do chão sob seus pés.

— Quase impossível não é a mesma coisa que impossível.

— Copri fala normalmente sobre David com você? Digo, vocês eram namorados! — Lorenzo enrugando a testa.

— Não! Hoje brigamos por causa disso. — Passo as mãos em meu cabelo. — Copri precisa entender que David não é um qualquer.

— David é seu ex e qualquer um no lugar do Copri também ficaria chateado.

— Meu ex namorado está no inferno e vocês querem que eu siga tranquila?

— Sim!

Reviro os olhos e passo a mão no braço para distrair a mente. Como Lorenzo pode querer que eu deixe David sofrer? É ridículo.

— Eu não posso te ajudar muito nessa situação, mas recomendo que ligue para seu namorado e peça desculpa. — Lorenzo levanta. — Vou indo nessa! Cansei de ver você, Proles! Boa noite. — Ele abre um sorriso e caminha até seu carro.

Reviro os olhos e entro em casa. Levo um susto ao ver mamãe do outro lado da porta. Sua feição entrega o tempo perfeito que ela passou tentando ouvir minha conversa com Lorenzo.

— Mãe!

— Eu... eu estava limpando a porta! — Ela mente.

— Sei que não! — Começo a caminhar pelo corredor.

— O.K! Quem era aquele rapaz? — Ela cruza os braços.

— Um amigo! — Continuo caminhando.

— Camila... — Ela me repreende. — Está de namorado novo e não me disse?

— Não! Ele é meu amigo, mãe!

— É bom que seja!

Continuo subindo a escada e entro em meu quarto. Tiro a roupa e fico apenas com minha moda íntima. Deito na cama, pego meu livro "*a culpa é das estrelas*" e começo a ler. Nesses últimos meses descobri que preciso usar óculos para ler, foi chocante, mas pelo menos é só no horário de leitura. Ponho meus óculos de armação preta com dourada e volto a ler. Esse romance consegue prender minha atenção por completo. Enrolo-me na coberta para espantar o frio e passo as folhas lentamente. Agora percebo que minhas unhas precisam ser pintadas! Não posso ficar com esse esmalte vermelho descascando.

Levanto da cama, pego minha caixinha de esmaltes e pinto por cima do esmalte velho. Na nova televisão que coloquei em meu quarto começa a rodar o jornal, mas não há nada interessante para prender minha atenção. Fico passando o esmalte em meus dedos e luto para manter meu cabelo longe do meu olho.

Depois de pintar a unha, desligo a TV, deito na cama e tento dormir, mas antes disso checo o telefone.

— Camila! Me ajuda! — Grita a voz de David e uma leve sensação de fogo toca meu punho.

Sento na cama assustada e abafa outro grito. Respiro bastante até que recupero minha paz e então durmo.

07:45 o relógio desperta e eu levanto sem ânimo. Caminho até o banheiro, tomo uma ducha, ponho um vestido rosa, cabelo em trança, sandália bege e vou até minha cozinha. Não há ninguém aqui preparando café ou cutucando a comida do dia anterior. Mamãe e papai devem estar dormindo.

Preparo um pão com queijo, bebo meu suco, escovo os dentes e caminho até meu carro. Posso afirmar de corpo e alma que não estou com um pingo de vontade de ir para o colégio hoje. Entro no carro e acelero pela estrada. O rádio começa a tocar *Goals* da *Anitta* e minha voz chega numa altura inacreditável. Gosto de cantar quando estou sozinha.

— Eu preciso! — A voz de David faz com que eu freie o carro bruscamente.

Fico respirando de maneira ofegante, mas retomo minha calma e sigo até o colégio. Em outros tempos eu teria dado um surto, porém, criei mais resistência.

Acelero pela pista até chegar no colégio. Estaciono em minha vaga, sigo pelo pátio e entro no extenso corredor. Não há nenhum aluno aqui, mas olhando bem... não há nenhum aluno no colégio.

— Olá! — Grito no corredor.

— Camila? — Diz a voz de David novamente.

— David?

— Camila! — Ele grita bem alto e por bastante tempo.

Tapo os ouvidos, no entanto, outra coisa chama minha atenção. A marca de uma mão escura aparece em meu antebraço e essa região do meu corpo começa a queimar. Grito de dor e caio no chão.

— Camila! Camila! — Grita David e aquelas mãos apertam meu antebraço com mais força.

— Não! Para! — Chuto o ar.

— Camila? — A voz de Lorenzo me traz ao presente.

Estou deitada no chão, respirando de maneira intensa e inacreditavelmente o corredor está lotado de alunos. Todos encarando-me! Fico vermelha e seguro o choro. Preciso me manter forte.

— Vem! — Ele segura meu braço e caminha comigo até o estacionamento.

As pessoas olham para mim como se eu fosse louca e eu também começo a pensar a mesma coisa. — *O que foi aquilo? Era realmente David? O que estava me queimando?*

Capítulo 2

Lorenzo abre a porta do meu carro e eu sento no banco do passageiro. — Estou completamente sem chão! Não posso ficar louca. — Ele toma posse do banco de motorista, trava as portas e olha bem para mim. Respiramos fundo. Evito olhar para ele. Eu realmente não posso estar louca, eu não posso estar ouvindo a voz de David, eu não posso passar por todos esses problemas novamente. Tudo deveria ter acabado de vez!

— Como você está? — Pergunta Lorenzo.

— Não sei! — Passo a mão no rosto na expectativa de ajustar as ideias.

— O que aconteceu?

— O corredor estava vazio! Escutei David chamar meu nome, uma mão tocou meu antebraço e um fogo intenso começou em mim, mas eu não conseguia ver nada! Nem David, nem a mão, nem o fogo. — Digo tremendo e começo a chorar.

— Calma! — Ele me abraça. — Está começando! — Lorenzo fala bem baixo.

— O quê? — Pergunto soluçando e sussurrando.

— Não posso falar agora! Preciso ter certeza primeiro.

— Você acha que David está tentando fazer contato comigo? —
Olho nos olhos de Lorenzo.

— Sim! — Ele responde em um tom preocupado. — Mas isso não é bom.

— Por que não?

— David está no inferno! Isso só faz abrir um portal entre aquele lugar horrível e você.

— Eu pensei que tudo estava para acabar!

— Um pouco longe disso. — Ele deita a cabeça no banco do motorista e abre um sorriso acolhedor.

— Devo contar para Copri?

— Agora não! Só... só espera mais um pouco.

— Ok! Eu... acho que preciso voltar para a aula. O corredor deve estar vazio agora! — Digo sem acreditar, mas preciso fugir desses assuntos.

— Faz bem. Tenha uma boa aula!

— Obrigada!

Descemos do carro e eu volto para o colégio. Estava certa! O corredor cinza está vazio. Aproveito o silêncio e vou para a sala em passos nervosos e desconcertados. A turma está em fileiras distantes e o professor olha fixamente para mim. Entro e sento.

— Estudou para hoje? — Pergunta Diana.

— Sim! — Pego minha caneta.

O professor distribui as provas e os alunos fazem cara de surpresos. Pelo visto, deve estar horrível. Ao chegar em mim, ele coloca a prova em minha mão e faz uma cara de desprezo. Abro um sorriso falso e volto o olhar para a prova. — *Uau! Prevejo um 10 nesta última nota de biologia.* — Respondo as primeiras questões sobre genética, as últimas sobre probabilidade e outras duas de embriologia. Depois de uma hora entrego a prova e espero Diana do lado de fora da sala.

— Cacete! Que prova fácil! — Ela diz assim que sai da sala. — Qual seu gabarito?

— A, A, A, B, C, E, D e A.

— Porra! O meu deu E, E, B, D, A, A, A e J.

— Você errou tudo! — Começamos a rir.

— Vou direto para a recuperação! — Ela faz um gesto obsceno com as duas mãos.

— Vem cá! Você colocou letra J? Não tinha letra J!

— Amiga, eu vi o alfabeto inteiro ali! — Ela solta uma risada nervosa.

— Precisa ficar atenta, Diana! Não estarei aqui para te dar cola.

— Ele dará a nota ainda hoje?

— Sim!

Ficamos apoiadas na parede esperando o professor divulgar as notas. Parece que todo suspense só aumenta. Depois de um tempo, o professor abriu a porta e pediu que entrássemos. Os alunos da minha turma encheram a sala com um ar nervoso e angustiante. Eu

sentei na terceira cadeira, tentando afastar o nervosismo e a ansiedade. Não quero ficar de recuperação. O professor estava com uma feição cansada e revoltada. Pelo visto, as notas foram péssimas. Ele passou os dedos lentamente entre as folhas. Os alunos alternavam entre balançar as pernas, roer as unhas e de vez em quando soltavam um "Ai meu Deus!". O professor começou a chamar os alunos de acordo com a sequência da prova.

— Droga! — Disse Anthonny assim que recebeu a nota.

Os outros alunos tiveram a mesma reação. Começo a ficar ainda mais nervosa com a ideia de ficar de recuperação. O professor chama Diana que recebe a prova com bastante tristeza, mas sem perder o deboche.

— E aí? — Pergunto assim que ela senta.

— Finalmente saí da linha do zero! — Ela diz animada.

— Quanto tirou?

— 0,5! — Ela abre um sorriso e mostra a prova.

— Uau! Uma... evolução!

— Senhorita Proles! — A voz do professor faz com que eu pule da cadeira.

Vou caminhando até sua mesa. Ele me olha por cima dos óculos e estica o papel em minha direção. Pego com muito receio e dou uma olhada naquele... 10! Pulo inúmeras vezes, beijo a cabeça do professor, seguro a mão de Diana e vou para o corredor.

— Passei! Um 10! — Abraço Diana.

— Quase a mesma nota que a minha! Vou pedir ponto ao professor! — Ela empurra a porta e se ajoelha na frente dele. — Pelo amor de Deus! Me dê o que preciso para passar!

— Não posso, Bankers! — Diz ele.

— Por favor! — Ela aperta as mãos do professor com tanta força que tenho receio de que Diana o machuque.

— Está bem! Quanto você precisa? Mas tem que ficar em silêncio, ok?

Nessa altura todos já estavam fora da sala, deixando apenas eu, Diana e o professor. Os raios de sol atravessavam as janelas que ficavam no alto e iluminavam todo o ambiente. A sala agora parecia um lugar que eu sentiria muita saudade. Enquanto olhava as paredes pude lembrar de toda história que vivi nesse ambiente. As risadas com Diana, os nervosismos com as provas, os breves cochilos nas aulas entediadas de cálculos e tudo mais que seguirá intacto nessa escola.

— 13! — Disse Diana.

— 13? 13 o quê? — O professor perguntou assustado.

— Pontos... — Ela abriu um sorriso.

— Não posso!

— O que são 13 pontos na sua vida? Que ruindade! É só uma anotação feita de caneta! — Ela fala com bastante drama.

— Mas que vai prejudicar seu futuro.

— Meu anjo... meu futuro já está prejudicado!

— Não posso, Bankers! — Ele começa a guardar os papeis.